

ECOMUSEU, DESENVOLVIMENTO SOCIAL E TURISMO

I. O SIGNIFICADO CONCEITUAL DA PALAVRA

O termo Ecomuseu está intimamente ligado a uma experiência comunitária francesa, na região industrial das cidades de Creusot (siderurgia) e Montceau les Mines (carvão), entre os anos 1971-82.

De acordo com o depoimento de Hugues de Varine¹, o Ecomuseu da Comunidade Urbana Le Creusot-Montceau les Mines, nasceu sob noções de ecologia humana, de comunidade social, de entidade administrativa e, sobretudo, da definição do território e da vontade de contribuir ao seu desenvolvimento.

Para aquelas populações, o ecomuseu representava um fator de construção comunitária, apresentando uma inovação: a relação entre patrimônio e sociedade demonstrada pelo sentimento e pela ação. Para eles, os testemunhos do passado, traços de identidade de um território, eram de responsabilidade coletiva servindo de instrumento de educação popular para a invenção criadora do futuro.

Em outro texto citado por Georgina De Carli², Hugues de Varine explica que essa primeira fonte deu origem a dois modelos:

1. Ecomuseu do Meio Ambiente: aperfeiçoamento dos museus ao ar livre escandinavos e das casas do parque americanas;
2. Ecomuseu de Desenvolvimento Comunitário: seguindo a fonte originária francesa, distingue-se, basicamente, por emanar da comunidade, que tem papel de protagonista nas ações e animações. Os problemas atuais e futuros constituem a base de sua programação. Possuem caráter urbano, pois, apóiam-se em associações comunitárias e todo o tipo de organizações coletivas.

II. OS ANTECEDENTES HISTÓRICOS

O conceito de ecomuseu e seus derivados, associa-se aos movimentos museológicos internacionais, capitaneados pelo Conselho Internacional de Museus – ICOM/UNESCO, no início da década de 1970, quando se evidenciava a importância das dimensões política e social dos museus.

Em 1971, a IX Conferência Geral do ICOM, em Grenoble, França, discutia as funções do museu a serviço do homem. No ano seguinte, realizava-se em

¹ DE VARINE, Hugues. O Tempo Social. Trad. Fernanda de Camargo-Moro e Lourdes Rego Novaes. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1987.

² DE CARLI, Georgina. Vigencia de la Nueva Museología en América Latina: conceptos y modelos. In: Revista ABRA. Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad Nacional. Costa Rica: Editorial EUNA, julio-diciembre, 2003. ILAM, edición electrónica – www.ilam.org, p.10-12.

Santiago, Chile, mesa-redonda para a reflexão do papel dos museus na América Latina.

De acordo com de Varine, houve uma tomada de consciência, por parte dos profissionais ali presentes, de que não conheciam as cidades onde habitavam e trabalhavam. Dessa reflexão surgiu o conceito de Museu Integral, que levava “em consideração a totalidade dos problemas da sociedade”; e do museu-ação, isto é, enquanto “instrumento dinâmico de mudança social”³

Paulatinamente, começaram a surgir algumas experiências, como as do México, com a Casa del Museo, os museus comunitários e os escolares, implementados pelo Instituto Nacional de Antropologia e História – INAH; No Canadá, as experiências em Quebec foram pioneiras, entre os anos 1979-82, com destaque para a de Haute-Beauce.

Antecipando todas essas experiências, nos Estados Unidos, no final dos anos 60, surgia uma proposta inovadora coordenada pelo museólogo afroamericano John Kinard. O Museu de Vizinhança de Anacostia, situado em Washington DC, foi aberto ao público em 1967, sob os auspícios do Smithsonian Institute. Tinha como objetivos, tratar dos problemas relacionados ao meio ambiente urbano; do levantamento da história das comunidades, bem como, dos temas africanos e da situação social dos negros.

Nos anos 80, com a sistematização dos princípios da chamada Nova Museologia, as experiências mundiais vão se proliferar, principalmente, na França, Portugal, Canadá, Noruega e África. Na América Latina, capitaneados pela OEA e UNESCO, surgem os Museus Didático-Comunitários na Nicarágua, Equador, Costa Rica, Colômbia e Brasil.

A Declaração de Quebec adotada pelo I Ateliê Internacional Ecomuseu/ Nova Museologia, em outubro de 1984, defendia uma série de princípios baseados em uma museologia ativa visando o desenvolvimento das populações. Invertendo a lógica de constituição das coleções, esse movimento trabalha, inicialmente, as questões afetivas, volitivas e cognitivas relacionadas com a memória presente para transportá-las ao passado numa fase posterior. O público usuário tem participação ativa, criadora e colaboradora.

É um movimento que possui preocupações de ordem científica, cultural, social e econômica, e se utiliza de todos os recursos da museologia, ou seja, coleta, conservação, pesquisa, restituição e difusão, criação, que transforma em instrumentos adaptados a cada meio e projetos específicos

Em 1992, realiza-se em Caracas, Venezuela, o Seminário A Missão do Museu na América Latina Hoje: novos desafios. Novamente se discute o papel do museu como agente de desenvolvimento integral na região, passando a ser

³ IN: ARAUJO, Marcelo e BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo: Documentos e Depoimentos. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.p.18.

integrado às suas comunidades, realizando, de acordo com Maria de Lourdes Parreiras Horta, “ações e processos que contemplam e consideram as particularidades de cada contexto local e específico, no qual atuam e se situam”⁴

Segundo de Varine, “a doutrina de Santiago, renovada pela Declaração de Caracas, amplia-se até incorporar a utilização do patrimônio natural e cultural, mesmo fora do âmbito dos museus. A idéia do território enquanto museu faz seu caminho, quer seja em Seixal (Portugal), Santa Cruz (Rio de Janeiro) ou Molinos (Aragão, Espanha)” (1995.p.19).

Entramos no novo milênio vivenciando evoluções e revoluções, causadas, principalmente, pelos avanços científicos e tecnológicos. Vivenciamos a era da comunicação e da informatização, e também da exacerbação do consumo, do descartável, da propaganda e do *marketing*. De acordo com Federico Mayor⁵, o mundo hoje vive, permanentemente, administrando tensões: entre o global e o local; entre coisas a longo e a curto prazo; entre conhecimento e capacidade de assimilação; entre o material e o espiritual.

Essa primeira década do novo milênio vem testemunhando importantes experiências ecomuseológicas e/ou comunitárias sob paradigmas historiográficos, sociológicos e antropológicos direcionados ao multiculturalismo ou pluriculturalismo e ao conceito de deslocamento das identidades culturais levantados por estudiosos do fenômeno da globalização.

A nível de Brasil, destacamos os trabalhos em curso do Ecomuseu do Cerrado, Goiás, com abrangência nos municípios de Pirenópolis, Corumbá, Cocalzinho, Abadiânia, Alexânia, Santo Antônio do Descoberto e Águas Lindas; do Ecomuseu do Quarteirão, em Santa Cruz, Rio de Janeiro; do Museu da Maré, localizado na favela da Maré, Rio de Janeiro; trabalhos exitosos no Rio Grande do Sul e na Bahia. Em Minas Gerais, como parte do Projeto de Implantação do Parque Arqueológico das Ruínas do Morro da Queimada, está em processo a criação do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto.

III. A RELAÇÃO ECOMUSEU, DESENVOLVIMENTO SOCIAL E TURISMO

Considerando-se os princípios e características do ecomuseu/ museu comunitário, faz-se necessário a definição de alguns conceitos relacionados ao desenvolvimento turístico e social, bem como, alguns princípios que deverão nortear as políticas públicas para as áreas em questão.

⁴ IN: ARAUJO, Marcelo e BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo: Documentos e Depoimentos. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.p.35.

⁵ IN: FREITAG, Bárbara. Perspectivas Educativas da UNESCO para o Século XXI. Ouro Preto: UFOP, 1999. Cópia digitalizada.

Em primeiro lugar, com relação a desenvolvimento social, retomamos Federico Mayor e o documento Perspectivas Educativas da UNESCO para o Século XXI,⁶ quando cita os quatros desafios a serem enfrentados: estabelecer a paz; combater a pobreza; garantir o desenvolvimento sustentável; promover a auto-determinação, que se obteria através da educação para todos durante toda a vida.

Para tantos desafios, Mayor propõe quatro tipos de novos contratos: o social, que procura incluir, democraticamente, todos os excluídos, os desconectados; o ecológico, promovendo a educação e a prática do respeito ao meio ambiente; o cultural, diretamente ligado à formação da cidadania e envolvendo a educação para a paz e para o conhecimento; o ético, para a promoção da democracia.

Vejamos então, de acordo com Ignacy Sachs⁷ o que seria necessário ao desenvolvimento desses contratos no âmbito da relação com o turismo:

Para o social: emprego pleno e/ou autônomo com qualidade de vida decente; igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais.

Para o ecológico/ambiental/territorial: preservação do potencial do capital natural na sua produção de recursos renováveis; limitação do uso dos recursos não renováveis; estratégias de desenvolvimento ambientalmente seguras (conservação da biodiversidade pelo ecodesenvolvimento); melhoria do ambiente urbano; configurações urbanas e rurais balanceadas.

Para o cultural: equilíbrio entre o respeito à tradição e inovação; autoconfiança combinada com abertura para o mundo.

Para o ético/nacional: democracia definida em termos de apropriação universal dos direitos humanos; um nível razoável de coesão social.

Para o ético/internacional: eficácia do sistema de prevenção de guerras da ONU, promovendo a paz e a cooperação internacional; proteção da diversidade biológica e cultural; gestão do patrimônio global como herança comum da humanidade;

Quando se fala em desenvolvimento social, implicitamente, insere-se o conceito de desenvolvimento sustentável, que, no âmbito da cultura se “refere à preservação das condições que tornam possíveis a renovação ou continuidade do uso, desfrute e transmissão dos bens culturais sem esgotá-los ou deteriorá-los”⁸ (tradução nossa).

Das características comuns a todos os modelos de ecomuseus/museus comunitários vigentes atualmente, ressalta-se:

1. A participação ativa, criadora e colaboradora da população envolvida;
2. As ações e processos inspirados nas especificidades locais;

⁶ Op.Cit.

⁷ SACHS, Ignacy. Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável. Trad. José Lins Albuquerque Filho. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. p.85-88.

⁸ RAMÍREZ, Jesús Antonio Machuca. Las perspectivas del turismo cultural ante la mundialización. In: Museos, patrimonio y turismo cultural. Trujillo, Perú. La Paz, Bolivia, 21-27 de mayo de 2000. Paris: ICOM, 2000. P. 171-182.

3. A importância da idéia de território (espaço vivido) enquanto museu;
4. A apropriação coletiva de patrimônio/coleção.

Essas características estão implícitas nos princípios de desenvolvimento social sustentável defendidos por Mayor e Sachs.

Com relação ao turismo, é importante conhecer a Carta de Princípios sobre Museus e Turismo Cultural⁹, proposta pelo ICOM, da qual destacamos:

1. A ética no turismo cultural exige dos agentes atuantes que o visitante combine o conhecimento criativo com o desfrute de seu tempo livre, favorecendo principalmente, a participação em um contexto social que lhe sendo desconhecido, o convida a participar da vida e saberes locais da comunidade anfitriã;
2. O turismo cultural se vincula ao patrimônio enquanto parceiro de um conjunto de contribuições de uma cultura, povo ou comunidade, que mostra através de suas expressões, o testemunho de sua própria identidade. Esta vinculação é única e excepcional e constitui um recurso não renovável. O patrimônio cultural não pode se constituir em um produto de consumo, nem estabelecer com o visitante uma relação superficial.
3. Frente ao turismo cultural, os museus devem promover a participação ativa das comunidades locais, tanto no planejamento e na gestão patrimonial, como na operação turística;
4. Do ponto de vista econômico, a comercialização do turismo cultural baseado em recursos patrimoniais, deverá entender a rentabilidade nas dimensões econômica, social e meio ambiental.

Ouro Preto, maio, 2006

Yara Mattos
Museóloga
Prof^a Adjunta DEMUL/UFOP
Coordenadora do Projeto de Implantação do Ecomuseu OP/MG
Membro da ABREMC - Brasil

⁹ IN: Museos, patrimonio y turismo cultural. Trujillo, Perú. La Paz, Bolivia, 21-27 de mayo de 2000. Paris: ICOM, 2000. P.257-260.